



ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: A CULTURA PARAENSE COMO TEMA GERADOR

Jéssica Pantoja Rosa¹
Walber Christiano Lima da Costa²

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: 5. Práticas Pedagógicas com alunos público-alvo da Educação Especial.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre o uso do tema gerador cultura como estratégia de ensino e aprendizagem para alfabetização de alunos com deficiência intelectual (DI). Sabemos que o ensino para alunos com deficiência intelectual se constitui como um grande desafio em nossa sociedade, haja vista que por mais que o termo seja apresentado em duas palavras, há diversos níveis de deficiência, o que torna em diversos momentos o processo de aprendizagem mais lento do que com os alunos que não apresentam tal deficiência. Como Metodologia de pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica em primeiro momento para embasamento teórico e em segundo momento a aplicação de uma atividade em campo numa Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) onde através do recurso de construção do texto coletivo, percebemos que os alunos puderam aprender um pouco sobre a cultura paraense. Como resultados, vemos que o ensino para alunos com deficiência intelectual requer muito preparo dos profissionais envolvidos e que se forem usadas estratégias diferenciadas, a aprendizagem se torna possível e eficaz na vida dos alunos.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Cultura. Alfabetização.

1. INTRODUÇÃO

¹Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: jcrizvitt@bol.com.br

² Doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: walber@unifesspa.edu.br

A proposta da alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual (DI) a partir dos temas geradores é uma asserção de educação transformadora, a qual foi fundamentada pelo educador Paulo Freire (1998). O autor, em suas obras, apresenta uma visão dialógica, libertadora e inovadora da educação, especialmente na área da alfabetização. Apesar do advento da educação especial e inclusiva ser recente no país, podemos perceber que o autor acaba se antecipando às políticas públicas ao propor um ensino diferenciado a todos, independente de ter deficiências ou não.

Freire (1998) busca no uso de temas geradores extrair dos sujeitos as informações necessárias a serem utilizadas no processo de alfabetização dos mesmos. Assim, o autor busca fazer uma valorização dos sujeitos pelo que são, a partir de suas vivências, realidades e culturas específicas. Ainda o autor, apresenta que “ninguém educa ninguém” (FREIRE, 1998, p.28). Assim, Freire (1998) nos ensina que não há processo de alfabetização apenas alguém ensinando, e sim que haja participação efetiva do sujeito foco da aprendizagem.

Sobre Cultura, Souza (2006, p.1) aponta que “apesar de uma longa história de descrições e definições de cultura em várias tradições, o conceito continua a oferecer mais indagações do que respostas”. Para Laraia (2001) a cultura é um processo de acúmulo de experiências históricas de gerações anteriores. Assim, o autor entende que tudo aquilo construído pelos homens, para os homens pode ser chamado de Cultura. Analisando as duas falas dos autores, entendemos que o tema Cultura tende a ser um tema gerador rico a ser trabalhado para os alunos com DI, haja vista que possibilita diversas formas de ver e entender o assunto a partir das visualizações dos alunos.

Sobre os alunos com DI, Pan (2008, p. 26) disserta que:

Sempre que começamos a discorrer sobre as deficiências intelectuais, as primeiras questões que se apresentam dizem respeito ao termo usado para nos referirmos a esse conceito e às pessoas a ele relacionadas. Qual o

correto, ou politicamente correto, para nosso tempo: deficiência mental, retardo mental, deficiência intelectual? Excepcional, deficiente, pessoa com deficiência, pessoa com necessidades educativas especiais? E assim deslizamos por uma série de expressões comumente empregadas. Entre elas, algumas assumem o caráter de inovação na busca pela superação de preconceitos, isto é, como indicação de novo paradigma, ensejo de grandes transformações.

Assim, a autora aponta que o próprio termo agregado à deficiência já gera algumas situações que devem ser esclarecidas, ou seja, sobre DI ainda há muitas coisas a serem desveladas e esclarecidas pela sociedade. O que torna importante a temática de nosso texto, haja vista que a produção científica e divulgação da mesma, buscam fazer um esclarecimento à sociedade sobre determinado tema.

Pan (2008) ainda aponta que a medicina, psicologia e a pedagogia, juntas evoluíram e criaram situações científicas de pesquisa que propiciam a pessoa com DI possa ter sucesso em sua vida. O modelo evolutivo, o modelo comportamental e o modelo cognitivo são exemplos de contribuições das pesquisas na área que ajudam a entendermos cada vez mais sobre essa deficiência.

No Brasil, as discussões sobre as pessoas com deficiência se apresentam com um campo propício de amparo ao público. A Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Chamada também de Estatuto da Pessoa com Deficiência). Tal lei é considerada por muitos autores da contemporaneidade uma das mais avançadas do mundo em relação a respaldo legal aos direitos da pessoa com deficiência. Percebemos assim que as legislações brasileiras apontam para um cenário favorável às aprendizagens dos alunos, entretanto sabemos que são inúmeras as dificuldades de discentes e docentes no que diz respeito aos contextos escolares.

Aliado a isso, sabemos que muitos professores não recebem um preparo para lidar com alunos com DI na escola, o que é um dado lamentável, pois a escola precisa estar acessível e preparada para receber esses alunos, apresentando materiais de apoio técnico-pedagógico, e principalmente formação adequada para

que os profissionais possam se apresentar e oferecer cenários propícios as expectativas dos alunos.

Assim, nosso artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre o uso do tema gerador cultura como estratégia de ensino e aprendizagem para alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual (DI).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

No primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica (MARCONI e LAKATOS, 2003; SEVERINO, 2007) e em segundo momento fizemos a aplicação de nossa proposta em uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Antes da aplicação da proposta, ainda fomos duas vezes a instituição para observação e ver a viabilidade da proposta. Após estes momentos, deu-se a aplicação. Tal momento de aplicação ocorreu em duas datas e apresentamos nos resultados e discussão os resultados de nossa proposta. Na primeira data trabalhamos com uma pequena revisão dos temas estudados anteriormente, e na segunda data de aplicação fizemos uma apresentação da temática Cultura Paraense a partir do uso de recursos visuais. Como atividade avaliativa, utilizamos a técnica da construção do texto coletivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao chegarmos na instituição, constatamos que os alunos com DI apresentavam muitas dificuldades para compreender temas abstratos como a Cultura. Para contextualizar, fizemos o recorte a partir de elementos regionais, mais especificamente do nosso Estado do Pará.

A aplicação se deu em duas datas, porém antes de adentrarmos nestas datas de aplicação, destacamos dois momentos de observação na SRM que

consideramos pertinentes para o texto, haja vista que foram os dois momentos de preparação com os alunos.

No primeiro momento de observação fizemos uma apresentação sobre o tema cultura e a síntese está exposta abaixo:

Síntese de atividades

1º Momento: Acolhida estimulando os alunos a relatarem o que eles entendem de Cultura. Cada aluno teve a oportunidade de falar. Porém o aluno A³ se mostrou mais dialógico.

2º Momento: Orientação sobre a dinâmica da atividade do dia - Jornais e revistas disponibilizados na mesa juntamente com papel madeira para que cada aluno pesquisasse sobre assuntos relacionados à Cultura. Houve o cuidado por parte dos facilitadores em selecionar jornais, retirando os que tivessem conteúdos apelativos a violência ou a cunho sexual.

3º Momento: Após a seleção de figuras os alunos foram orientados a colar em um dos lados da folha de papel madeira.

4º Momento: Os alunos apresentaram suas produções para todos. Cada aluno teve oportunidade de falar sobre as figuras e qual era a representação delas para cada um.

5º Momento: Os facilitadores apresentaram diversos conceitos de Cultura. Tal momento buscou ampliar nos alunos o sentido de Cultura que eles já tinham.

6º Momento: Os alunos tiveram a oportunidade de novamente selecionar novas figuras e colar no segundo lado da folha de papel madeira.

7º Momento: os alunos apresentaram novamente suas produções para todos. Cada aluno teve oportunidade de falar sobre as figuras. Percebemos aí que o conceito de cultura para os alunos se ampliou. Antes os alunos viam cultura somente como elementos já marcantes, como o Saci e o Índio. A partir da explicação dos facilitadores, estes alunos viram que Cultura é tudo aquilo modificado pelo homem, tudo aquilo que está presente no dia a dia. Como por exemplo, de uma imagem selecionada por um aluno, uma cadeira.

Quadro 1: Síntese da atividade do primeiro dia de observação

³ Manteremos por questões éticas os nomes dos discentes de forma codificada.

Podemos analisar a partir do quadro acima que os alunos apresentam níveis de alfabetização diferenciados e apresentam diversos entendimentos sobre o tema Cultura. Porém, destacamos ainda que a maior parte dos alunos não apresentou durante a execução da atividade compreensão sobre o tema Cultura de forma abstrata. Ou seja, os alunos entendem cultura apenas como os elementos palpáveis. Para Laraia (2001) a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica de gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. Ou seja, confirmamos ali a necessidade de se discutir a partir do projeto este tema.

O segundo momento de observação que ocorreu um dia após o primeiro, e trabalhamos na Sala o tema Pará.

Síntese de atividades

1º Momento: Acolhida fazendo a memória das atividades anteriores, retomando a aula passada. Cada aluno teve oportunidade de falar sobre suas atividades/produções.

2º Momento: Orientação sobre a dinâmica da atividade do dia - Jornais disponibilizados na mesa juntamente com papel madeira para que cada aluno pesquisasse sobre assuntos relacionados ao Pará. Houve o cuidado por parte dos facilitadores em selecionar jornais, retirando os que tivessem conteúdos apelativos a violência ou sexual. Os facilitadores mostravam figuras relevantes e faziam a explicação sobre coisas ou locais do Pará.

Ex: Museu Emilio Goeldi.

3º Momento: Após a seleção de figuras os alunos foram orientados a colar em uma folha de papel madeira.

4º momento: Os alunos apresentaram suas produções para todos, cada aluno teve oportunidade de falar sobre as figuras e qual era a representação delas para cada um.

B: Figura sobre time de futebol exaltando o clube do Remo. Figura de várias pessoas reunidas que o mesmo falou serem empreendedores.

C: Figura de Cadeia, segundo a aluna onde pessoas que roubam ficam presas (conversa com a aluna para saber se existe alguém que ela conhece que já foi ou está presa a mesma disse que não); Figura do museu Emilio Goeldi: A aluna falou

que neste local existem vários animais os quais ela já visualizou: ex. Urso, Leão, Boi Tá Tá, Arara.

D: Figura do time do Paysandu e cantores do Pará.

E: Times de futebol que existem no Pará – cantores do Pará – Morte (segundo o aluno todos morrem por isso a figura é interessante).

Quadro 2: Síntese da atividade do segundo dia de observação

Podemos analisar a partir do quadro exposto que os alunos continuam apresentando níveis de alfabetização diferenciados (de fato afinal foi um dia seguido do outro nesta etapa) e apresentam diversos entendimentos sobre o tema Pará. Alguns destes destacam Pará das situações mais corriqueiras de seu dia a dia como cantores e os times de futebol. Ressaltamos ainda que uma das alunas como exposto no quadro destacou uma cadeia ao falar que pessoas que roubam ficam presas em cadeia. Isso nos leva a refletir que a mesma deve conhecer alguém que passou por tal situação, apesar de que a aluna disse que não.

A partir destas considerações, marcamos em duas datas a aplicação da atividade. Na primeira data, fizemos uma revisão das atividades que ocorreram nos dias de observação.

Na segunda data de aplicação, pudemos organizar com mais tempo as ações e também tivemos a oportunidade de mais tempo de aula para a referida aplicação. Inicialmente fizemos a acolhida com os alunos e apresentamos em *Power Point* algumas imagens de elementos da cultura paraense e neste momento indagávamos os alunos que manifestassem opiniões, num estilo de explosão de idéias. Neste momento, houve alegria, pois percebemos os alunos totalmente envolvidos com a atividade e preocupados em poder participar e serem ouvidos.

Após este momento, iniciamos a construção de um texto coletivo. A escolha por esta atividade se deu, pois como os alunos com DI estão em níveis de desenvolvimento diferentes, optamos por uma atividade avaliativa que pudesse de fato incluir a todos os alunos, que é o texto coletivo.

Neste momento da construção do texto coletivo, dividimos em três etapas, a primeira em que cada aluno ia ao quadro e manifestava a sua contribuição ao texto

coletivo a partir de uma ou duas palavras chave; em seguida chamávamos a turma para poder contribuir com uma frase e por fim a construção do texto coletivo, fruto das frases inspiradoras. Consideramos esta construção um sucesso, pois observamos todos os alunos de forma integrada e participativos na dinâmica. O mais satisfatório da aplicação foi após dias em que ela ocorreu os alunos nos encontravam no corredor e perguntavam quando iria marcar com eles novamente a construção de um texto coletivo.

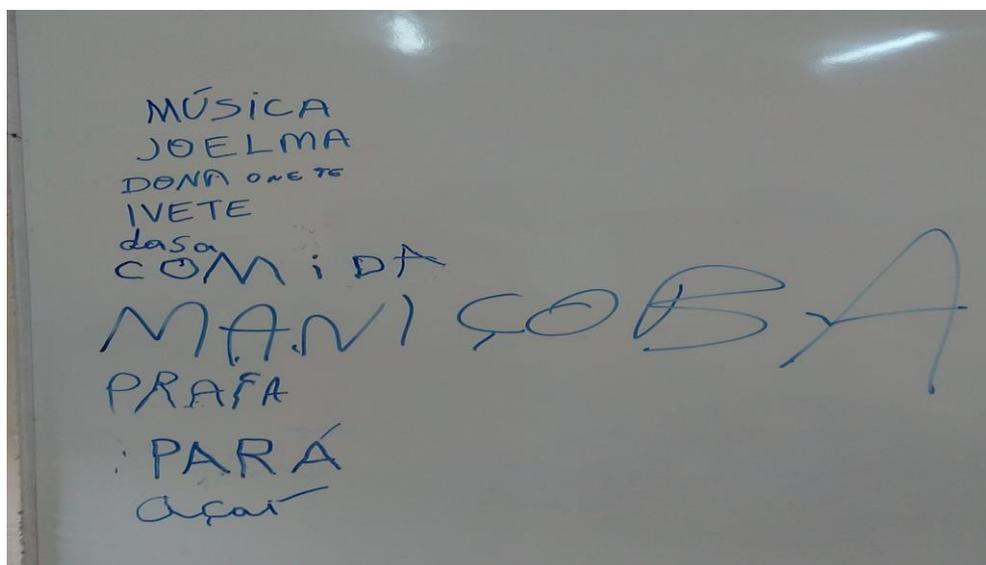


Foto 1: Momento da Contribuição dos alunos com as palavras chave
Fonte: o autor

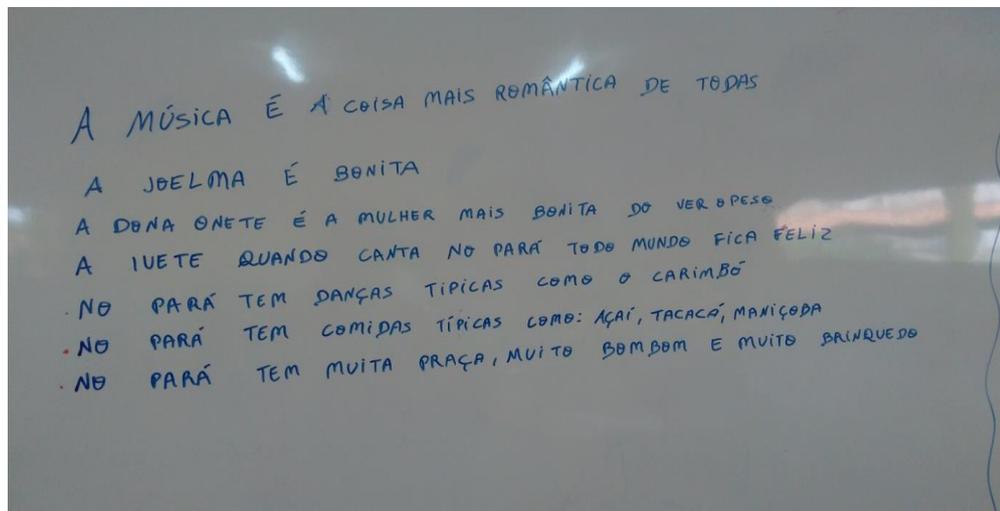


Foto 2: Frases inspiradoras para construção do texto coletivo
Fonte: o autor

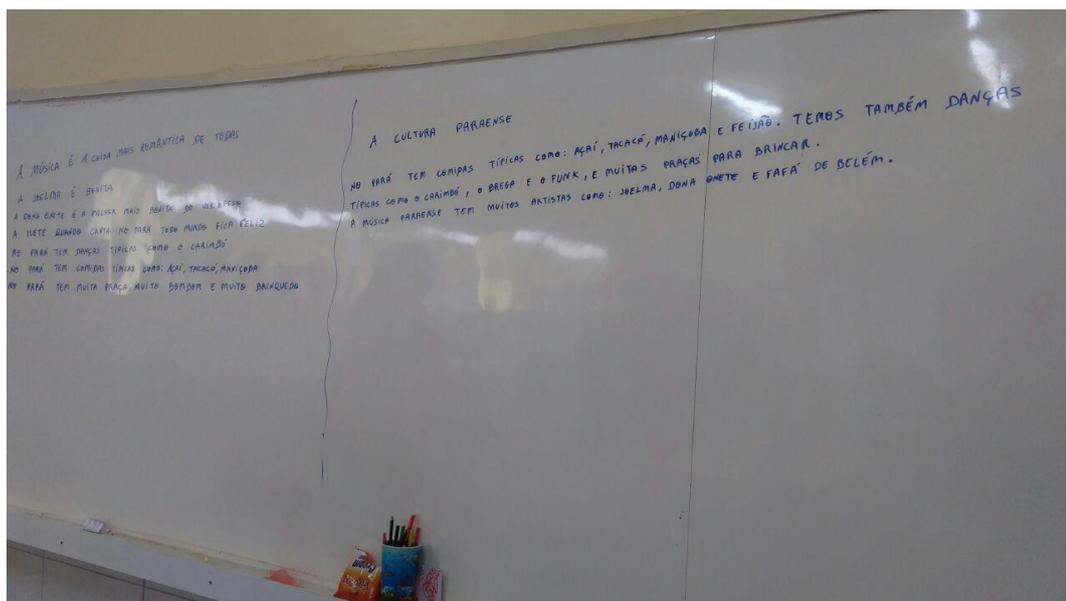


Foto 3: Texto coletivo construído
Fonte: o autor

Destacamos ainda que tal forma de atividade e avaliação esta de acordo com Luckesi (2005), pois o mesmo diz que o objetivo da escola não deveria ser simplesmente dar notas pouco se importando se houve ou não aprendizagem, pois em diversos momentos há a prática de exames e não a avaliação da aprendizagem.

V CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
17 a 19 de outubro de 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA
ISSN 2526-3579

Usualmente, não há uma forma de diagnóstico para os educadores subsidiarem uma intervenção adequada; pelo contrário, a avaliação se torna o caráter de aprovação ou reprovação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já exposto, nosso objetivo era apresentar reflexões sobre o uso do tema gerador cultura como estratégia de ensino e aprendizagem para alfabetização de alunos com DI. Verificamos que este texto teve seu objetivo alcançado, haja vista que esses alunos se colocados em um cenário propício como o realizado na proposta na SRM, tendem a melhores aprendizagens.

Um ponto a ser ressaltado é que essas experiências vivenciadas com alunos com DI servem pra mostrar que independente da deficiência, todos devem ter a oportunidade de aprendizagem e que se forem estimulados a partir de suas especificidades, poderão gerar frutos e afetividade com a escola.

Sabemos que a inclusão escolar é um desafio que não é só de responsabilidade de um sujeito e não deve ser visto apenas como um imperativo legal. Para que haja a inclusão efetiva, faz-se necessária a ação efetiva de todos os participantes no cenário escolar e que a as legislações apenas apontam o caminho, mas a trilha deve ser de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n°. 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acessada em: 20 de Dezembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

**V CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
17 a 19 de outubro de 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA
ISSN 2526-3579**

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**: relaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.

PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: Ibpex, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. -23ed. Ver. E atualizada-São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. Language, Culture, Multimodality and dialogic emergence. *Language and Intercultural Communication*, v. 6, p. 107-112, 2006.